



Natal na Mansão Holmes



herlock acordou na véspera de Natal sentindo o corpo todo dolorido. Suas pernas doíam, seus músculos doíam, Céus, até mesmo seus olhos doíam! A tensão finalmente cobrara seu preço e, depois de vários dias atribulados, os tendões e nervos relaxaram, soltando as fibras musculares, que gritavam para se reacomodar. Ele abriu os olhos e voltou a fechá-los mais uma vez, a sua mente despertando pouco a pouco. Com um esforço quase sobrenatural, empurrou as pernas para fora da cama.

Os pés nus encontraram o piso frio e ele estremeceu. Arrastou o corpo até a cômoda e encarou o próprio rosto no espelho. Gastou alguns momentos para reconhecer o jovem rapaz que estava refletido ali, as grandes olheiras fazendo guarda a um nariz comprido e afunilado.

Três semanas. Encontrara Nikola Tesla há pouco menos de três semanas e mal podia reconhecer-se no espelho. Com a ajuda do pequeno sérvio e da jovem e irritadiça Irene Lupin, eles haviam invadido uma representação comercial, escapado de assassinos, lutado contra salteadores, enfrentado uma besta jurássica e ainda impediram o assassinato da própria Rainha. Há cerca de um mês, se alguém lhe contasse que estaria en-

volvido em tais aventuras, provavelmente mandaria o sujeito examinar a cabeça. Contudo, algo parecia lhe dizer que estava predestinado a tais ações. Pelo menos é o que lhe dissera a agente Agatha, que, até os últimos dias, conhecera apenas como a velha e irascível Sra. Macklin.

Sherlock abriu um sorriso, em uma reação espontânea.

A Sra. Macklin era a única moradora atual da Mansão Holmes, à exceção dele e do irmão, Mycroft. O que nunca poderia imaginar era que a velha cozinheira fora uma agente do Departamento, um órgão secreto do governo que atuava na espionagem internacional. Ela treinara o seu pai, que estava em uma missão na Cidade do Cabo, e agora recebera a incumbência de cuidar de Mycroft, que também trabalhava para a misteriosa agência. De uma hora para outra, descobrira que sua família escondia mil e um segredos e parte do seu íntimo temia pelo que encontraria se continuasse procurando.

Mas a verdade é que Sherlock também tinha suas próprias indiscrições. Afinal, trouxera Irene e Nikola clandestinamente para dentro da mansão e escondera-os no sótão por vários e vários dias, antes que eles se mudassem para a abandonada ala dos empregados, no porão. E também se aliara com a Sra. Macklin, que trouxera luz à verdade sobre a família Holmes e que os auxiliara durante a última missão contra a Companhia do Grande Oriente, uma organização sinistra que parecia querer alistar ou roubar jovens prodígios da Inglaterra. Com quais objetivos, Sherlock só poderia especular.

Mas não era isso que estava perturbando a sua mente nos últimos dias. Enquanto lutavam contra a conspiração biológica que trouxera como saldo um total de seis soldados franceses mortos, Sherlock havia decifrado a última entrada na agenda codificada que eles haviam surrupiado na sede da Companhia. O problema é que não havia nada de útil ali.

Precisaria resolver o problema, eventualmente, mas achava que poderia dedicar-se ao assunto após o café da manhã.

Depois de trocar os pijamas felpudos por uma roupa elegante e confortável, Sherlock deixou o quarto e desceu a escadaria até o salão de jantar. Na ponta da mesa, estava Mycroft, que segurava um jornal com uma das mãos enquanto a outra sustentava uma xícara de café fumegante. Ele percebera que o irmão tinha o hábito de concentrar-se por vários minutos naquela posição se alguma notícia em particular chamasse sua atenção. Não era raro ele provar o café após terminar a leitura e rejeitá-lo com uma careta, pois a xícara estava completamente fria.

Não querendo atrapalhar, Sherlock sentou-se em silêncio e observou a pomposa mesa com atenção, escolhendo uma fatia de bolo para iniciar o seu desjejum. Alguns momentos depois, o jornal foi largado em uma cadeira e a face de Mycroft apareceu. Eles não poderiam ser mais diferentes. Sherlock era alto e esguio e Mycroft era de uma constituição mais atarracada e com tendência ao sobrepeso. Os cabelos do irmão puxaram os da sua mãe, lisos e sebosos, enquanto Sherlock e o pai exibiam leves cachos ondulados. Mas os olhos eram iguais e as olheiras profundas pareciam acentuar a semelhança. Obviamente, o irmão estava cansado, pois os atentados recentes à Estação Euston e o projétil disparado no centro de Londres haviam exigido o máximo de todos os agentes do Departamento. Mas, como supostamente Sherlock não deveria saber nada sobre isso, ele se limitou a cumprimentar o irmão com um sorriso.

— Você parece cansado — disse-lhe Mycroft.

— Fiquei estudando até mais tarde — mentiu Sherlock. — Tarefas extras para recuperar as aulas perdidas — emendou.

— Ah, a reforma na Harrow — comentou Mycroft, como se a informação passasse pela sua mente pela primeira vez. — Já faz um tempo, é claro. Deve estar com saudade dos seus colegas.

Sherlock parou por um momento, pensando naquela afirmação. Teria algo que lhe faria falta na escola?

Seu irmão pareceu captar aquele pensamento.

— Os colegas podem ser rudes, às vezes. Nem todos estão prontos para reconhecer uma mente tão... peculiar.

Sherlock piscou e encarou-o. As faces de Mycroft adquiriram uma expressão pensativa, como se ele estivesse lembrando de algo. Fosse o que fosse, não lhe pareceu ser algo particularmente bom.

Sem ter uma resposta àquele comentário, tratou de servir-se de uma xícara de café e atacar outra fatia de bolo.

— Receio que eu tenha más notícias sobre os preparativos de final de ano — anunciou Mycroft. — O banco está sofrendo uma pressão exagerada do império russo e vou precisar viajar por alguns dias. Acho a situação particularmente ruim, pois mamãe e papai não estarão aqui e não gostaria de abandoná-lo nesta época, mas...

— Você está trabalhando. O dever está em primeiro lugar — respondeu Sherlock, com a voz seca.

Mycroft abriu um sorriso triste.

— Você está crescendo.

— Seria impossível o contrário.

Um vinco surgiu na testa do irmão.

— Mas os chistes continuam. Algo a ser eliminado no futuro.

Sherlock não respondeu. Seus sentimentos estavam conflitantes. Aquela era uma época para estar com a família. Mycroft não deveria sair de casa. Era *errado*. No entanto, aquilo lhe daria a oportunidade de passar mais tempo com Nikola... e Irene. Forçou uma expressão neutra antes de falar.

— Você vai para onde?

— Liverpool — disse-lhe Mycroft. — O Imperador Alexander está passando alguns dias lá, com o seu séquito. Eles estão solicitando uma prorrogação do último empréstimo realizado, mas os nossos gerentes estão desconfiados que não verão o dinheiro de volta. A situação das finanças russas está delicada neste momento. E com o tratado não assinado, imagino que a coisa deva piorar.

— Que tratado? — perguntou Sherlock, estendendo a conversa apenas por educação.

— Um tratado de compra de armas. Estão modernizando o exército, até onde sei.

Sherlock franziu o cenho, pois achava que tinha lido algo em um jornal nos dias anteriores. Ele virou o rosto para o lado.

— Está pensando na notícia sobre a fome causada pelo inverno? — perguntou Mycroft.

— Sim, mas como...

— Você se virou, como se estivesse observando onde estava o jornal antigo. E eu me lembro de que esteve lendo este artigo alguns dias atrás.

Sherlock observou-o por um momento e, então, lembrou-se de que estava lidando com um agente treinado, assim como a Sra. Macklin e seu pai. Ele balançou a cabeça em concordância.

— Se eles estão falidos, por que estão comprando armas e não algo que seja proveitoso para a população?

Mycroft observou-o por um longo momento, enquanto tomava um gole de café.

— Por favor, Sherlock, conserve-se assim por mais algum tempo. É o melhor conselho que posso lhe dar.

Sherlock apenas deu de ombros.

— Quando você vai voltar?

Mycroft suspirou.

— Espero que antes do final do ano, mas não posso precisar. Mando-lhe um telegrama quando tiver uma data.

Sherlock assentiu e engoliu o resto do bolo com uma nova xícara de café.

— Entrementes, tenho notícias mais animadoras — disse Mycroft, repassando um pequeno papel para o rapaz.

O telegrama era curto, mas uma centelha de luz acendeu em seu peito.

— Eles estão voltando! — disse Sherlock, voltando-se para o irmão, que sorriu.

— Não fique tão animado — ele disse. — São pelo menos dois a três meses de viagem, dependendo do tempo. Mas, sim, papai e mamãe estão voltando, no vapor *Vitória*.

Sherlock sorriu e entregou o telegrama para o irmão, que se levantou e foi até o aparador. Havia um embrulho lá.

— Isso chegou do tio Henry.

Sherlock ergueu as sobrancelhas. O tio Henry, até onde sabia, estava em uma expedição no meio da África. Congo, se não estivesse enganado. Ele vira o tio pouquíssimas vezes nos últimos anos. Ele e seu pai discutiam por inúmeras razões. Henry preferia a liberdade da volúvel profissão de aventureiro; já viajara pela África, Austrália, Ásia e América do Sul. Participara de mais expedições do que conseguia lembrar e sempre retornava a Londres com alguma história extraordinária para contar. Seu pai tratava-o com uma cordialidade fria, pois achava que o irmão precisava tomar juízo.

Sempre que possível, Sherlock dava um jeito de encontrar o tio para conversar, mas Mycroft, assim como o pai, era muito mais reservado à presença do tio.

— Havia um bilhete que só dizia “Faça bom uso”, sem um destinatário — comentou Mycroft. — De alguma forma, sinto que você seja mais merecedor do que eu.

Ele lhe entregou o embrulho.

— Feliz Natal.

Depois de bagunçar rapidamente os cabelos do irmão, Mycroft deixou o salão.

Sherlock examinou o embrulho rapidamente antes de abri-lo com impaciência. Um sorriso brotou em seus lábios. Ali estava um chapéu de feltro com um quadriculado miúdo, com abas presas no topo, à moda dos caçadores de veado. Era um chapéu surrado e velho, mas que já vira e sobrevivera a mais coisas do que ele poderia imaginar. Mycroft tinha razão, afinal, ao lhe repassar o presente.

Pois aquele era o chapéu do seu tio, o chapéu de um verdadeiro Holmes aventureiro.

Mycroft despediu-se de Sherlock um pouco depois. Suas malas de viagem foram arrumadas em uma carruagem que seguiria para King's Cross. Eles trocaram um aperto de mão formal antes de o filho mais velho e herdeiro da Mansão Holmes escapular para o interior da carruagem e desaparecer nas ruas enevoadas de Sutton.

— Não o julgue tão severamente — disse a Sra. Macklin, surgindo por trás de Sherlock, que fitava o inverno por entre os caixilhos da janela. — Ele recebeu ordens.

Sherlock virou-se, erguendo uma sobrancelha.

— O atentado à estação Euston deixou nossos inimigos agitados. Houve relatos de subversivos movimentando-se em diversos pontos da Inglaterra. Mycroft vai investigar um grupo bolchevista que anda arregimentando seguidores em Liverpool.

— No Natal?

Ela o encarou.

— Nossos inimigos não dormem. Não podemos nos dar este luxo.

Sherlock suspirou. Aquilo era perfeitamente lógico, mas não queria saber de lógica naquele momento. Não era fácil manter a coerência no mundo dos adultos. Talvez essa fosse a razão pela qual ele os considerava tão contraditórios.

— Eu vou levar o menino Nikola à missa — ela anunciou, virando-se para os fundos do *hall*. — Dispensei os empregados por hoje e amanhã para que tenhamos um pouco mais de privacidade. Acho que posso contar com você para não destruir a casa em dois dias.

— Já não sou tão jovem — disse ele, virando-se novamente para a janela.

— Não, não é mesmo, menino Holmes.

E com isso, a Sra. Macklin deixou-o só, ruminando os próprios pensamentos.

Bem mais tarde, Sherlock encontrou Irene no *ball* dos empregados, no porão. Seu ombro, machucado durante a fuga dos terroristas que haviam tentado matar a Rainha, melhorara um pouco, mas os movimentos ainda estavam duros, o que já era esperado. Ela tomava café e lia um livro, aberto em cima da mesa. Ele a cumprimentou com um aceno rápido, tentando não a interromper, mas a garota levantou os olhos do volume assim que ele se sentou.

— O que é? — perguntou Sherlock, apontando para o livro.

— O Castelo de Otranto. Foi a Sra. Macklin que me recomendou.

Sherlock levou alguns segundos pensando na velha cozinha. A Sra. Macklin admitira que esse não era o seu nome verdadeiro, mas se recusara a compartilhar o nome de batismo. Então, lhes dissera o nome que usara na agência.

Agatha era um bom nome, pensou Sherlock. Uma prima da sua mãe tinha uma gata gorda, lustrosa e com olhos amarelos brilhantes que se chamava Agatha. Mesmo assim, achava difícil ligar o nome à pessoa depois de passar tanto tempo chamando a Sra. Macklin de Sra. Macklin.

O nome refletia a personalidade à pessoa? Esse era um bom tema para um debate. Ouvira falar que a Scotland Yard usava algo chamado fisionomia, que afirmava que o caráter modificava os traços das pessoas. Ladrões costumavam ter dedos longos e serem covardes. Homens violentos eram grandes e tinham traços simiescos e abrutalhados. Ladras eram feias e desprezíveis.

Encarou Irene.

— O que foi?

— Nada — piscou Sherlock, embaraçado. *Obviamente, tal ciência estava longe de ser conclusiva*, pensou com seus botões.

A porta dos fundos abriu-se, deixando entrar uma lufada de vento que antecedeu a chegada da Sra. Macklin e Nikola, ocultos por uma montanha de cestas e pacotes. Eles esparramaram tudo em cima da mesa.

— Muito bem — disse a Sra. Macklin, largando a bolsa de pano e colocando o avental antes de distribuir ordens como um capitão de navio. — Este almoço de Natal não vai ser preparado sozinho. Nikola, quebre os ovos naquela vasilha. Menino Holmes, as batatas. Irene, você vai me ajudar com este peru — disse, apontando para a ave sem pescoço e penas, que ocupava boa parte da mesa.

Sherlock tirou o casaco e pôs-se a trabalhar. Logo os sons de panelas chiando, facas cortando e cremes sendo batidos explodiram na velha cozinha, misturando odores e cheiros doces e picantes. A Sra. Macklin, apesar de dizer que detestava cozinhar, parecia estar bem feliz no meio daquela balbúrdia e chegou a cantarolar baixinho enquanto girava um *fouet* rapidamente dentro de uma vasilha.

— Acho que a Sra. Macklin não odeia cozinhar tanto assim — comentou com Irene, enquanto terminava de picar as batatas.

— Talvez ela não gostasse de cozinhar sozinha — ela ponderou, afiando uma lâmina comprida que seria usada para des-trinchar o peru. — Deve ser solitário aqui embaixo.

Sherlock meditou aquilo por alguns momentos. Realmente, a Sra. Macklin era chamada de senhora por respeito aos seus cabelos brancos. Até onde sabia, nunca se casara. E vivia sozinha no porão de uma mansão. Deveria ser uma vida realmente solitária. *Como nunca percebera isso?*, recriminou-se. Mais uma vez, parecia desligar-se de tudo que o cercava, considerando que tudo que existia sempre fora daquele jeito. *A vida não era assim*, pensou.

Preparar o almoço foi divertido, mas cansativo. Quando o peru finalmente foi para o forno e os últimos pratos estavam encaminhados, a Sra. Macklin mandou todos para o banho.

— É o almoço do Natal. Vocês não vão se apresentar à mesa deste jeito — resmungou, enxotando-os para fora da cozinha. — O seu pai nunca me perdoaria — acrescentou, erguendo uma sobralalha para Sherlock, que concordou prontamente.

Uma hora depois, estavam todos no grande Salão de Jantar da Mansão. A prataria e a porcelana de festa foram retiradas dos armários poeirentos e a mesa foi posta com requinte e propriedade, entre cristais, guardanapos de linho e facas e garfos dourados. Sherlock vestia-se apropriadamente para a ocasião, com uma fatiota nova completa. Nikola, por sua vez, repuxava o colarinho duro e engomado que a Sra. Macklin havia comprado. A gravata preta lhe dava um ar distinto, assim como as calças alinhadas. Mas ele insistia em usar as botas velhas, pois reclamou que os calçados novos eram apertados.

Irene trajava o mesmo vestido simples que usara em outras ocasiões. Mas trazia no cabelo uma joia vermelha lustrosa, arrumada num coque muito bem feito.

— A Sra. Macklin me emprestou — disse ela, respondendo ao olhar interrogativo de Sherlock.

Pouco depois, o peru foi retirado do forno e o ponche foi servido. A Sra. Macklin pediu que Nikola fizesse as preces, e o garoto, corando como um tomate maduro, rezou rapidamente. Houve várias palavras em alemão e outras coisas que Sherlock não entendeu. *Pelo menos foi rápido*, pensou, dividindo uma risadinha com Irene.

Depois, a Sra. Macklin passou a primazia de destrinchar o peru à Irene, que possuía uma destreza natural com lâminas. A velha agente ocupou-se de servir o ponche e restou a Sherlock servir o purê, e a Nikola, os legumes cozidos. Somente uma vez o assunto da Companhia do Grande Oriente veio à tona, mas a Sra. Macklin cortou a conversa.

— Isso não é um tema apropriado para um almoço de Natal — disse ela, olhando firme para Irene. — Debateremos o assunto mais tarde, durante o chá.

A garota assentiu rapidamente, com um sorriso amarelo nas faces.

Depois do almoço, eles se reuniram na Sala de Estar. Irene e Nikola nunca haviam estado ali e ficaram um bom tempo circulando pelo ambiente dourado e azul, com amplas janelas emolduradas por cortinas transparentes. Um lustre em forma de galho pendia do teto, iluminando várias poltronas e cadeiras. Vasos e aparadores eram exibidos junto às paredes e uma grande lareira dominava o lado oposto à porta. Nikola testou cada uma das poltronas, até se esparramar em um sofá macio e recheado de almofadas.

A Sra. Macklin preparou um bom chá para todos, mas se reservou o direito de continuar bebericando o ponche. Houve um momento um pouco constrangedor quando todos se sentaram à frente da lareira — que Sherlock acendeu após um pequeno esforço e uma grande ajuda de Nikola. Tradicionalmente, aquela era a hora da troca de presentes, mas, obviamente, nenhum dos três havia sequer pensado nesta questão nos últimos dias.

— Eu tenho uma coisa aqui — anunciou a Sra. Macklin, abrindo um armário e retirando três pacotes embrulhados em papéis brilhantes.

Ela entregou a menor à Irene, passou um embrulho pesado a Nikola e um pacote redondo para Sherlock.

— Sra. Macklin... Eu... Nós... — resmungou Sherlock, com as mãos espalmadas, como se quisesse recusar.

— Não balbucie, menino Holmes. Isso fica feio. Não se preocupe. É parte do meu papel de tutora. E seu pai deixou-me um dinheiro extra para situações especiais. Acho que isso se encaixa na descrição dele. Se alargarmos um pouco o significado de *especial*, é claro.

Sherlock sorriu e recebeu o presente.

Irene soltou um pequeno grito quando abriu o pacote. Sherlock virou-se, mas tudo o que viu foi uma caixa de madeira encerada e vazia.

— Eu não posso aceitar, Sra. Macklin — disse ela, levando a mão à joia que estava presa no coque.

— Fique — disse ela, simplesmente. — Eu recebi isso da minha avó. Está na minha família há um bom tempo. Não tenho filhos ou filhas, tampouco minha irmã. Vou me sentir melhor se for para o túmulo sabendo que alguém digno está com ela.

Irene levantou-se num repelão e abraçou-a por um momento, o rosto encharcado de lágrimas. Sherlock baixou os olhos, subitamente interessado nos cadarços dos sapatos.

Nikola foi o próximo. Ele arrancou o papel em mil pedaços até encontrar uma grande caixa de madeira, com um fecho de latão. Ao abri-la, escancarou a boca ao perceber uma coleção espantosa e minuciosa de ferramentas que Sherlock mal podia reconhecer.

Ele abraçou a maleta.

— Muito obrigado, Sra. Macklin. *Danke! Danke!*

Ela apenas assentiu e virou-se para Sherlock. Ele apalpou o embrulho, mas não reconheceu a sua forma. Parecia um prato, apesar disso não fazer muito sentido para ele. Então, tirou o laço, puxou as cordas e cuidadosamente retirou o papel.

Era uma coleira.

A Sra. Macklin assobiou e uma massa robusta invadiu a sala, galopando nas quatro patas até postar-se na frente dela, a língua grande e áspera do lado de fora e os dois olhos brilhantes encarando o garoto com curiosidade.

— É um cachorro — ele conseguiu dizer, depois que o espanto passou.

O cachorro latiu.

— Excelente observação, menino Holmes.

— É um *basset* — disse Irene, entusiasmada, ajoelhando-se ao lado do grande cão e passando a mão em seu cocuruto. O cachorro agradeceu o carinho com grandes lambidas nos dedos e no rosto da garota.

— O nome dele é Toby.

Sherlock olhou novamente para a coleira. De fato, havia uma plaqueta ali, com o nome escrito e o endereço da Mansão Holmes logo abaixo.

— Meu irmão tem alergia a cachorros — argumentou Sherlock, que não sabia muito bem como receber o presente.

— Isso pode ser resolvido — disse a Sra. Macklin, dispensando o comentário. — Ele já foi razoavelmente treinado. E possui um faro ótimo.

Sherlock encarou o cão uma segunda vez, que latiu para ele. Sem jeito, aproximou-se do cachorro e tentou colocar a coleira, mas o cachorro queria brincar e ficou arranhando as mãos do garoto, lambendo-as e distribuindo mordidinhas.

— Ei, espera aí, garoto. Só um momento. Não... Aqui... Agora... Ei!

Toby pulou no seu colo e Sherlock perdeu o equilíbrio, caindo de costas no chão. O cachorro pulou em seu peito e arrancou dele um *Uff!* quando seus pulmões foram pressionados.

Irene e Nikola gargalhavam enquanto Sherlock, completamente embaraçado, tentava livrar-se das lambidas incessantes do cachorro, que parecia estar se divertindo muito.

A Sra. Macklin soltou outro assobio e Toby imediatamente parou o que estava fazendo, correndo até ela e sentando-se entre as suas pernas.

— A senhora precisa me ensinar esse truque — resmungou ele, levantando-se e tentando ajeitar os cabelos.

— Há muitas coisas que você precisa aprender, realmente, menino Holmes — disse ela. — Pode colocar a coleira agora.

Sherlock aproximou-se, desconfiado, mas o cachorro não se mexeu enquanto ele colocava a coleira em volta do seu pescoço.

— Eu não sei cuidar de um cachorro — ele resmungou.

— Nem poderia, já que nunca teve um.

Irene e Nikola riram novamente.

— Agora a senhora está fazendo troça de mim — reclamou.

— Não, mas acho que Toby poderá lhe fazer bem. Há algumas coisas que não há como aprender, menino Holmes. Apenas sentir.

Ele encarou o cachorro que babava no tapete felpudo do pai, mas não encontrou forças para contestar ou retrucar.

— Prometo me esforçar.

A Sra. Macklin assentiu e esvaziou mais um copo de ponche, antes de enchê-lo novamente.

Um pouco mais tarde, quando Toby já examinara toda a sala de estar, rosnara para os quadros e rolara em todos os tapetes, ele se sentou nos pés de Sherlock, que o olhou, desconfiado.

— Bem, agora, aos negócios — comentou a Sra. Macklin.

— Há algo para nós, menino Holmes?

Sherlock tentou acomodar-se na poltrona, sentindo os dedos do pé sendo esmagados pelo peso do animal, mas resolveu que aquela não era a hora de reclamar. Discretamente, puxou o sapato até aliviar a pressão, antes de pegar alguns papéis do bolso.

— Só há mais dois fotogramas — disse, recordando a todos o tempo exíguo que Nikola tivera para retratar a agenda de Mr. Brown quando haviam assaltado a sede da Companhia, há algumas semanas. — Há uma anotação para o dia vinte e três de janeiro, daqui a um mês. E, depois, só há um comentário escrito à margem da agenda. Não me parece envolver um dia em específico, até mesmo porque não existia uma hora marcada.

— O que diz a nota?

Sherlock repuxou mais uma vez o pé de debaixo de Toby, mas o cachorro voltou a acomodar-se em cima do seu sapato. Apertando um molar, ele leu.

Wapping. Srta. Kelly. a mãe.

— Só isso?

Ele virou para Irene e deu de ombros.

— Sim.

— É muito vago — comentou Nikola.

— Concordo — disse Irene. — Há centenas de mães que moram em qualquer bairro de Londres.

— Pode ser. Mas nem todas se encaixam no nosso perfil.

Sherlock virou-se para a Sra. Macklin. Ele já havia pensado nisso, era claro. Estavam procurando algum jovem prodígio cuja mãe chamava-se Kelly. Isso reduziria suas opções. Mas o problema era como encontrar alguém em um bairro tão grande.

— E a anotação do dia vinte e três?

Sherlock remexeu-se na poltrona, desconfortável. Toby ajoelhou-se novamente em seus pés.

— Só há uma palavra.

— Qual?

— “Xeque-mate”.

Houve um silêncio perturbador. Seja o que fosse, era óbvio que os planos do misterioso Barão estavam chegando a um ponto final.

— Pernas.

— Como? — perguntou Sherlock, pego de surpresa, virando-se para a Sra. Macklin.

— Pernas, menino Holmes — repetiu ela. — Quando não há dados para analisar, precisamos coletá-los nós mesmos. A Nova Scotland Yard tem seus policiais; o Departamento, seus agentes. O que temos?

Sherlock balançou a cabeça.

— Do que a senhora está falando?

— De como encontrar essa tal Sra. Kelly.

— Mas a anotação do dia 23...

— É inútil — cortou ela, erguendo uma sobrancelha. — Não há como sabermos do que isso se trata.

— Então, a senhora sugere...

— Que trabalhemos com o que temos — ela disse. — E a única a coisa a fazer é bater pernas.

— Nós três demoraríamos meses para circular por toda Wapping — reclamou Sherlock. — Seria preciso um verdadeiro exército para vasculhar toda a área.

— E nós não *ter* um exército — emendou Nikola.

Sherlock concordou, mas Irene encarou-os com um olhar pensativo.

— O que foi?

— Na verdade, eu *conheço* um exército.

